

**GT 06 – Educação Popular****A POÉTICA CORDELINA EM ESPAÇOS EDUCATIVOS COMO TECITURA DE  
LETRAMENTOS MÚLTIPLOS**

Gabriela dos Santos Barbosa\*

**INTRODUÇÃO**

*Os nomes dos poetas populares Deveriam estar na boca do povo  
No contexto de uma sala de aula  
Não estarem esses nomes me dá pena  
A escola devia ensinar  
O aluno devia bater palma  
Saber de cada um nome todo  
E falar deles para os de menor idade  
O nome dos poetas populares*

Antônio Vieira

O debate em torno da educação tem se ampliado, assim como as discussões sobre o papel que ela exerce para a formação dos sujeitos. Frente a uma miríade de transformações, a educação precisa se (re)inventar e intentar novos modos de agir, constituindo caminhos inovadores para o aprendizado do educando. Tendo na diversidade a base para a compreensão de realidades tão distintas ela pode lançar mão de ‘saberes do senso comum’ a fim de promover o ensino-aprendizagem.

Para Os Parâmetros Curriculares Nacionais - *PCNs*, a aprendizagem deve considerar os letramentos múltiplos. O documento acrescenta, ainda, que a lógica de uma proposta de ensino e aprendizagem que busque promovê-los pressupõe conceber a escrita de

---

\* Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA – Universidade do Estado da Bahia. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

empoderamento e inclusão social. Tal paradigma parece válido para demonstrar que é possível promover a aquisição do letramento em sala de aula ao lançar mão da Literatura de Cordel. Entendida aqui como elemento intrínseco da cultura, uma vez que as narrativas perpassam saberes que retratam o modo de viver do povo do nordeste, independente de sua escolaridade, posição social ou de seu grau de erudição e que, portanto, não pode ser relegada em detrimento do fechamento de alguns currículos escolares. Nessa conjuntura, o cordel vem favorecer ao letramento múltiplo, pois desenraiza saberes ancestrais ao considerar as práticas de linguagem que envolve a palavra escrita em diferentes sistemas semióticos.

Sendo assim, por meio da leitura/escuta do cordel em sala de aula, pode-se dizer que o letramento se constitui como modo consistente e eficaz de aprendizagem, isto porque, sob a égide do pensamento de Freire (1994), “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto” (FREIRE, 1994, p. 11). A assertiva de Freire realça a prerrogativa de que não basta saber ler e/ou dominar a tecnologia da escrita, para tanto é preciso também o pleno desenvolvimento da percepção do estudante, que deve estar para além da linguagem, ou seja, dar conta da realidade circundante e seus vários contextos. Isso se aplica à inserção do cordel em sala de aula. Assim, o caminho seria integrá-lo ao contexto de produção da narrativa para, criticamente, refletir acerca do papel social do folheto.

É válido ressaltar que a proposta aqui inserida não é dizer que este gênero textual não é amiúde trabalhado em sala de aula, ao contrário, não raro o cordel faz-se presente nas práticas de produção de atividades escolares, sendo mote para a organização de eventos, como feiras culturais, por exemplo. Contudo, a busca pelo entendimento do conteúdo posto no folheto não é pensado como ferramenta de estudo e de conhecimento dos fatos acontecidos tanto no contexto local quanto no global.

Nesse contexto, o cordel, como forte expressão da cultura dita popular, cabe nesse espaço de ensino-aprendizagem por contar em seus versos, não só *história do pavão misterioso*, mas também fatos importantes da vida cotidiana e acontecimentos que fazem parte da história brasileira, além disso, traça uma espécie de biografia de pessoas influentes para a formação do país. O poeta de cordel, através de seus folhetos, discute temas que tem relação direta com o contexto sócio histórico brasileiro e mundial, tendo sua própria concepção de mundo como forma de ver o ‘outro’, sem, contudo, deixar de ser veraz na ‘contação’ dos fatos.

Ao tomá-lo como objeto deste trabalho, busca-se analisar como esse instrumento da voz, o qual é atualizado em um suporte de escrita pode ser trabalhado em sala de aula como

recurso didático-pedagógico. Para tanto, serão analisados o conteúdo de três folhetos de cordéis, a fim de perceber como eles discutem sobre assuntos que tem relação com o contexto histórico, cultural, econômico, educacional, entre outros. Além disso, trazer o cordel para a sala de aula, já que este é um produto proveniente da cultura dita popular, é pensar que este mesmo produto é um elemento preñado de saberes que em uma perspectiva direta proporciona diversos letramentos.

## **POR UM LETRAMENTO MÚLTIPLO– O CASO DO CORDEL**

Pensar o cordel como instrumento didático pedagógico a ser trabalhado em sala de aula é, ao mesmo tempo, afirmar que o conteúdo proposto no folheto e, porque não dizer o folheto em si, uma vez que não há dissociações entre as partes, promova letramentos múltiplos, haja vista a gama signica que ele carrega: texto/escrita; movimento/gestualidade; oralidade. O cordel, nesse sentido, dialoga com as semioses, pois sua utilização no âmbito escolar está além da leitura (ROJO, 2009). O processo de produção de sentido desta leitura agarra-se a usos e práticas de linguagens, como os elementos performativos utilizados no processo de declamação do cordel, por exemplo. Com isso, pode-se dizer que a produção de sentido da ‘leitura’ será alcançada, conferindo ao cordel dimensão formativa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - *PCNs*, afirmam que a aprendizagem que leve ao letramento múltiplo, deve considerar os eventos para além das práticas de leitura e escrita existentes na sociedade, instituindo também os eventos cotidianos, locais, globais e universais, valorizadas e não valorizadas. Tal assertiva é fundante também do pensamento de Street (2007) ao afirmar que:

[...] existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escreverem diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento (STREET, 2007, p. 02).

A afirmativa da “multiplicidade de letramentos” trazida por Street (2007) e assegurada pelos *PCNs* alavanca o pressuposto de que elementos culturais que fazem parte de “contextos específicos” são eventos de letramento. Rojo (2009), também busca apresentar e conceituar as especificidades desse novo fenômeno enquanto prática social de leitura e escrita, assegurando o respeito aos diversos saberes. Para ela:

O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizados e designando a seus participantes poderes também diversos (ROJO, 2009, p.99).

Tal pressuposto parece válido para demonstrar que é possível promover letramentos ao lançar mão do cordel, tomando-o como espaço de informação oriundo da cultura dita popular, portanto, um produto ideológico, em que “as práticas de letramento (estão) indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e a escrita em diferentes contextos” (STREET, 2009, p.471-adendo meu). Com isso, há um caminho para problematizar a noção restritiva do letramento como um conceito uno, necessariamente associado à prática de educação formal.

Nessa perspectiva, entende-se que um dos principais objetivos da escola seja possibilitar aos seus alunos várias práticas sociais de leitura e de escrita (letramentos), de maneira ética, crítica e democrática, sem deixar de ignorar ou apagar os saberes das culturas locais, colocando-os em contato com os saberes valorizados.

Nesse viés o letramento múltiplo aponta para, além do desenvolvimento da capacidade cognitiva dos sujeitos aprendentes a percepção de ‘ser e estar no mundo e para o mundo’, permitindo, assim, que na aventura de ‘saber o outro’, eles possam acrescentar novos saberes aos que já existem. Dessa forma, estar-se-á também a galgar caminhos da educação intercultural, a qual deve fomentar experiências cotidianas voltadas para as identidades culturais, tida aqui como espaços onde os diversos saberes se encontrem e se cruzam. De modo que não haja sobrepujação das fronteiras entre o que é formal e o que é informal, pois “uma educação escolar que se pretende ser local, também não pode ignorar as textualidades ou o fato de que os temas de qualquer tipo de relevância social e cultural estão nas escolas e nas salas de aula de diferentes realidades” (SANTOS, 2008, p. 02).

Isso leva a crer que considerar apenas uma ou outra forma de prática de ensino – letramento- é algo que fecha a própria noção do termo no sentido de ‘tornar-se’ letrado. Portanto, o cordel por se encontrar no âmbito de contextos específicos, mas que traz conhecimentos globais pode ser considerado um rico material didático que favorece o ensino-aprendizagem, tendo em vista seu teor pedagógico, o qual permite aos aprendentes compreender o mundo social e suas mudanças.

## O 'DITO' NO ESCRITO - O CORDEL NO CONTEXTO BRASILEIRO

Advindo da tradição da cultura popular ibérica, os folhetos encontraram no nordeste brasileiro um terreno muito fértil para sua disseminação. Isso por que houve a imediata identificação da população nordestina com a poética ali inquirida, dado a aproximação de sua escrita com o 'falar local', ou seja, mesmo no escrito a oralidade se fazia presente. Além disso, destaca-se também o fato de que pessoas:

[...] semi-analfabetas liam para grupos maiores (de analfabetos), determinando um processo de interação, em que a palavra tornava-se um veículo de difusão de conhecimentos, de perpetuação da história e da cultura. Uma oportunidade de expressão e reflexão da realidade (LEONARDELI 2009, p. 19).

A partir da afirmativa acima abro um parêntese para dizer que ela nos remete, em certa medida, ao letramento múltiplo. A leitura/escuta executada nesse espaço mostra que havia a apreensão do conhecimento proposto nos folhetos em um espaço não formal, considerando que a alfabetização e o letramento não são processos concomitantes: a alfabetização, neste sentido, não é condição para o letramento, tão pouco, o letramento para a alfabetização. No processo de leitura/escuta, a oralidade que se faz presente não significa analfabetismo (ZUMTHOR, 1993).

Frente ao exposto, pode-se ancorar o cordel como artefato potencializador do letramento múltiplo, por preservar na palavra escrita a sonoridade a gestualidade e a oralidade, entendida como o elemento constituinte deste gênero textual (ZUMTHOR, 1993). Tal fator facilita, sobremaneira, o entendimento da narrativa, bem como a leitura que ele faz sobre cada cultura ao evocar em suas rimas a memória e a tradição de um povo.

De acordo com estudos que se detém sobre as relações entre oralidade e letramento, pode-se dizer que existe no cordel certos padrões que fazem parte de sua própria composição e que favorecem a memorização, como a rima, a métrica e a organização estrófica. Por esses e outros atributos, ele se tornou um instrumento privilegiado para a inserção de indivíduos não alfabetizados no âmbito da cultura escrita. Os aspectos lúdicos empregados em cada folheto são considerados recursos que fazem com que sua escrita se apresente no formato de um texto prazeroso, agradável e de fácil assimilação que, ao ser lido os sujeitos se envolvem em suas histórias, através da cadência rítmica, como se dançasse em um ciclo que não tem início ou fim.

Superada a aproximação que se pretende atribuir entre oralidade e letramento, tendo o cordel como o elemento que interliga esses dois extremos, faz-se necessário retomar ao ponto em que e como ele se fixa no nordeste brasileiro. Quando aqui chegou, essa manifestação da poesia, dantes entoada, cantada, recitada pelos trovadores geralmente acompanhada por instrumentos de corda ou sopro (MOISÉS, 1968), o que fez com que ganhasse ‘força oral’ em meio ao povo desta região.

Antes de tomar o papel como suporte, o cordel é uma parte da poética das vozes com características particulares quanto à forma e a representação da ‘força plástica’ na voz do ‘sertanejo’, que entoa em seus versos a multiplicidade de saberes. Mesmo sendo este gênero um canto das vozes, quando se fala em cordel, está-se referindo à poesia popular impressa. Ela é a atualização dos folhetos em um novo suporte, os quais estabeleceram a materialidade dessa poesia por serem dispostos em varais de cordas ou barbantes pelas feiras livres e outros lugares públicos, criando nisso a alusão ao termo cordel (LUCENA, 2010).

Nesse contexto, conforme Lucena (2010), a palavra cordel é relativamente nova no Brasil. Até meados do século XX, entre as denominações utilizadas para se referir a ele, estão ‘folheto’, ‘livro de feira’, ‘romance’, e ‘livro de Atháide’. Até então, seus leitores não reconheciam o termo como algo que remetesse a essa ‘poética das vozes’. Para eles o que vigorava era a poesia falada, sua movência para a escritura aconteceu em outro contexto histórico.

O certo é que a poética dos folhetos foi bem aceita entre o povo do nordeste. Isso se deve, principalmente, ao fato da colonização portuguesa ter embutido no modo de viver dos nordestinos muitos dos rituais, crenças e valores pertencentes à cultura ibérica. Sendo assim, há uma espécie de (re)conhecimento de ‘si’ no ‘outro’, resguardada as devidas atualizações e modificações dos elementos abordados na composição da narrativa.

Dessa maneira, os recitadores/cantadores, ao seu modo, imprimiam em sua voz emblemas do universo ‘sertânico’, bem como outras narrativas que lhes chegavam aos ouvidos através das vozes de outros poetas. Nisso, pode-se afirmar que, já se constituía uma “circularidade de culturas”, segundo o qual o saber popular de que o cordel tem origem pode circular no universo escolar, produzindo conhecimentos apropriados e perfazendo o diálogo entre culturas (GUINZBURG, 1987). Diante disso, a poética dos folhetos torna-se um gênero popular, pois ao se aproximar da massa ela se transforma em um artefato de informação e, por que não dizer de formação, muito poderoso, como nos informa Brant (2013):

A literatura toda ela, mesmo quando ainda não era literatura, vem ao longo do tempo estimulando o pensamento crítico e reflexivo dos leitores (e ouvintes); e o modelo de cordel, aqui no Brasil, veio acelerar o acesso desses leitores menos favorecidos culturalmente à escrita. Outra evidência é que, em cada momento, distintamente, o meio de expansão e de ocupação da poesia cordelista na vida das pessoas, seja na voz do poeta trovador ou, ainda, impresso em folhas, o cordel sempre buscou manter-se como expressão que legitima a cultura (dita) popular (BRANT, 2013, p. 22 – adendo meu).

A difusão dos folhetos se reflete evidentemente na aceitação por parte do público leitor-ouvinte dos poemas. Alçado à condição de jornal, dado seu caráter informativo, sobretudo, quando não havia ainda rádio ou televisão, o cordel durante muito tempo foi considerado:

Um veículo de informação e divertimento. As ocorrências marcantes da comunidade circunvizinha, geralmente os cordelistas as registravam em forma de história em verso. Foi, portanto, o cordel um veículo de comunicação importante. Mesmo os cordéis que narram histórias misteriosas e fantásticas, não baseadas em fatos reais (XAVIER, 2002, p. 21).

Além disso, neste mesmo contexto, sem os meios de comunicação de massa nem escolas que atendessem toda a sociedade, principalmente, as populações carentes, os folhetos de cordel foi o modo com o qual “mulheres e homens do campo e mesmo aquelas parcelas de trabalhadores pobres da cidade tiveram acesso à educação. Os cordéis eram um instrumento com o qual e pelo qual se alfabetizava o povo. Os poetas de cordel foram alfabetizadores do povo a partir do saber do próprio povo” (ARAÚJO, 2007, p. 167), antes da difusão dos meios eliminarem as práticas escolares tradicionais, como as formulas mnemônicas, ritimadas, versificadas, quase uma poesia medíocre, porém viva que uma classe inteira cantarolava com seu mestre (ZUMTHOR, 2010).

Nesse ponto há de se reconhecer uma espécie de devolução do saber para o povo, posto que a poesia empreendida no folheto de cordel não ‘é’ do poeta. São ecos das vozes do sertanejos, trazidos de outros tempos e outros lugares e no corpo do poeta se instala, toma forma e reivindica a escritura. Com isso, o cordelista utilizando outro conhecimento – o da escrita – transporta tal saber para o papel, o qual, em certa medida, corre o risco de perder-se no esquecimento do tempo. Portanto, ele serve, então, como um ‘emissário do saber’ na movência das vozes, capturando-as e tornando escritura e memória (escrita).

O ‘dito’ na escrita da poesia de cordel, nesse caso, são elementos importantíssimos na compreensão desse outro saber emanado pelo povo e que, portanto, não pode ser desconsiderado pela ciência, embora não seja científico. Entretanto, faz parte do modo de

fazer e ver o mundo dos sujeitos sociais originários das camadas populares. Por isso, se configura em saber-conhecimento que carrega em si competência para estar no âmbito escolar.

Desse modo, ao produzir conhecimentos acerca da cultura, da memória e da história da sociedade nordestina, brasileira, quiçá mundial, o cordel é um rico material didático que favorece ao letramento múltiplo em meio às disciplinas escolares: Língua Portuguesa; História; Geografia; Ciências e até matemática, tendo em vista seu teor pedagógico e a forma como aborda questões concernentes à realidade.

## **CORDEL: TECITURA DE SABERES - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O cordel, produto de composição dito popular, tem sua importância para a cultura, história e a educação nordestina, uma vez que vem tecendo saberes sobre esta região ao remontar tempos ancestrais. Nos folhetos de cordel, o poeta utilizando diferentes fontes (re)elabora as informações, as quais são narradas em versos, sejam elas advindas de um contexto específico ou não. Assim, através deles firmam-se conteúdos importantes a serem utilizados em sala de aula.

Contudo, verifica-se que nas ementas das disciplinas escolares não há real preocupação em trazê-lo à roda de discussão, a fim de problematizar os saberes tecidos no seio popular. De acordo com Araújo (2007), “há uma guetização do saber popular na escola, pois, para muitos educadores, eles não têm rigor científico para poderem fazer parte do mundo da escola” (ARAÚJO, 2007, p. 209). Em muitos casos são suscitados, apenas quando eventos escolares homenageiam a cultura nordestina, no entanto, ela fica lá fora nos pátios, sendo ‘estandardizadas’, sem passar por uma exausta discussão em sala de aula. Disto, o que fica é um campo de tensão entre o conhecimento científico e o saber popular.

Como já mencionado ao longo deste trabalho, o ensino-aprendizagem, a partir do folheto de cordel é significativa, tendo em vista que ele enfatiza aspectos inerentes à cultura nordestina e, se utiliza dela para trazer para o folheto aspectos de outras culturas. Nesse sentido, como apregoa Betancourt (2004):

[...] uma educação pautada na filosofia intercultural propicia esse diálogo entre grupos sociais distintos e suas práticas culturais e leva em consideração que as especificidades entre os grupos sociais, as comunidades, as sociedades e as culturas constitui um elemento enriquecedor de aprendizagem mútua (BETANCOURT, 2004, p. 306).

O ensino por essa perspectiva aventa o diálogo entre os diferentes saberes, cada um com seu peso e sua responsabilidade na formação dos sujeitos aprendentes. Além disso, a escola, enquanto espaço de excelência para a promoção do respeito às diversidades sociais e culturais, não pode ficar alheia aos saberes advindo de contextos não científicos. Nesse sentido, o local e o global se cruzam, dialogando e intercambiando saberes na extrapolação das fronteiras.

O cordel, sendo um gênero textual se tece de modo simples e ao mesmo tempo complexo, pois há todo um rigor de métrica, rima e oração para que seja considerado cordel. Entretanto, o fato é que a abordagem a partir dele autoriza que o educando compreenda as mensagens nele contida, dado à objetividade e a clareza com que os temas são abordados. Para além da clareza e objetividade, aliam-seos elementos linguísticos dos quais, tão sapientemente, os poetas fazem uso.

Tais elementos constituintes do cordel permitem, de modo lúdico, mágico e divertido, expressar o mundo em busca de uma dimensão crítica e reflexiva dos fatos. Mesmo que estes sejam apenas lendas, há por trás delas a narrativa com início, meio e fim. Os caminhos perscrutados pelo folheto de cordel tem sido múltiplo, uma vez que elaboram desde histórias fantasiosas – estas fazem parte da formação do universo nordestino – até aquelas em que os poetas se atêm a fatos mais conservadores de modo crítico.

Nos cordéis a serem analisados para compor o corpus deste trabalho circulam fatos sociais e históricos, histórias de vida de pessoas, bem como fatos míticos que são oriundos do povo nordestino. A saga empreendida nos versos de cordel consiste de fato em um edifício de temas que vem realçar o fazer pedagógico.

Dentre os temas para a análise aqui empreendida foram selecionados temas universais, como a globalização, a qual perfaz uma discussão relevante no cenário mundial e é um tema que comumente é debatido em sala de aula. Temas históricos, como a formação do Quilombo dos Palmares no atual estado de Alagoas, liderado, inicialmente, por Ganga Zumba, só depois da sua morte Zumbi, seu sobrinho, acendeu a liderança do Quilombo. Temas relacionados ao ‘universo sertânico’ também perfilam esta pesquisa: a lenda do sebastianismo no sertão.

Em seu folheto *Diversidade cultural* e pluralidade no mundo da globalização, Gustavo Dourado, fala da importância das relações humanas em um espaço sem preconceito, como mostram os fragmentos seguintes:

Pluralidade sócio-cultural  
 Com tanta diversidade  
 Excluídos, negros, pobres  
 Querem multiplicidade  
 Justiça sem preconceito:  
 Mais universalidade.  
 [...]  
 Despertai o coração  
 Pra solidariedade  
 Pluralizai nossos sonhos  
 Com amor - fraternidade  
 Acordai os cidadãos  
 Pra nova realidade.

Aqui o poeta convida o leitor a entender que, embora haja a pluralidade e a diversidade cultural, a exclusão com relação aos negros e pobres ainda se sobressai. Acrescento ainda toda uma população marginalizada, como os indígenas, pessoas de movimentos minoritários e gays são excluídas a todo o momento da “multiplicidade”, a qual prega o não preconceito. Os versos são interessantes por que revelam que mesmo em face dos avanços e da globalização, o cordel continua perene e se movimenta entre o que é local e o que é global.

Vive-se a diversidade  
 No ensinar-aprender  
 Constrói-se a cidadania  
 Na luta do sobreviver  
 Brota da dor do silêncio  
 A flor do amanhã:Ser.  
 [...]  
 Respeito - entendimento  
 Na organização social  
 A busca da tolerância  
 Democracia racial  
 Contra a discriminação  
 Democracia cultural.

Nestas estrofes, Gustavo Dourado vai tecendo de modo subjetivo, porém claro a luta dos povos para “sobreviverem” em meio “a dor do silêncio” diante das diferenças sociais e culturais. Cultua-se neles a busca do respeito e da tolerância para com o outro, princípios tão valorizados e discutidos na atualidade e que deve ser evidenciado em diversos ambientes do cotidiano dos sujeitos sociais, mas é, sobretudo, no meio escolar que tal pensamento deve ser ainda mais intenso para ser refletido e discutido.

A tolerância, sendo um dos princípios fundantes da diversidade sociocultural nas relações entre os sujeitos sociais é pensada por Paulo Freire, também no âmbito da educação, pois:

[...] sem ela, é impossível um trabalho pedagógico sério, sem ela é inviável uma experiência democrática autêntica, sem ela a prática educativa progressistas e desdiz. A tolerância não é, porém, posição irresponsável de quem faz o jogo do faz-de-conta. Ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente, a aprender com o diferente, a respeitar o diferente (FREIRE, 2003, p. 59).

Sendo assim, o cordel ao trazer essa discussão pode ser trabalhado por disciplinas, como sociologia e/ou história, para enfatizar de fato a “democracia” quanto às diversas formas de ‘ser no mundo’. Vale ressaltar, que o cordel pode contribuir nessa discussão, juntamente com outros materiais concernentes às ementas das disciplinas e que, portanto, versam sobre o mesmo tema, a partir de lugares diferentes.

Complexa sociedade  
De ensino-aprendizagem  
Mudança de pensamento  
Reflexão e imagem  
Pensamento inclusivo  
Nova linha de abordagem.

Valorizar a cultura  
É ação de resistência  
A cultura é vital  
Pra nossa sobrevivência  
Livros, arroz e feijão  
Alimentam a consciência.

Na plural diversidade  
Olhar o regional  
Discutir com amplitude  
Os valores do local  
Quem canta a sua aldeia  
Tem caráter universal.

[...]

Nessas estrofes, percebe-se o sentido educativo do folheto escrito por Gustavo Dourado, quando ele convida seu leitor à “mudança de pensamento” frente ao atual modo de “ensino-aprendizagem”. Ele propõe uma “nova linha de abordagem”, para incluir os saberes locais no ensino, pois é preciso conhecer, primeiramente, “sua aldeia” para, então conhecer o ‘universo’. Ao proceder assim, Gustavo Dourado, ao mesmo tempo em que propõe temas educativos também está educando e estabelecendo um dialogo intercultural, ou seja, uma ação educativa no agir pedagógico.

No folheto *Quilombolas, a revolta dos escravos*, J. Victtor percorre um caminho investigativo para falar sobre Ganga Zumba, primeiro líder do Quilombo dos Palmares fundado, no atual estado de Alagoas. J. Victtor, para tratar de um tema nacional, inicia falando sobre a formação Terra, enquanto planeta:

A Terra antigamente,  
Muito antes de Pompéia,  
Diferenciava muito  
Da nossa atual ideia  
Em continentes colados  
Denominados Pangéia.

Nessa estrofe há uma série de tópicos a serem discutidos pelos professores em sala de aula. Como o planeta Terra se constituiu ‘terra’ no processo de formação dos continentes e que depois foram se separando. Embutida nessa discussão pode ser abordada as questões da diáspora dos povos sobre os continentes, a exemplo de como os índios chegaram ao Brasil ou como a Austrália foi povoada.

Prosseguindo em seus versos, J. Victor vai dando forma ao Continente Africano como o lugar onde primeiramente ocorreu vida humana. Esse é outro tópico que merece discussão, pois há várias hipóteses acerca do ‘aparecimento do homem’ na Terra.

A raça humana foi  
Do continente africano  
Originária primeiro,  
Disso ninguém tem engano;  
Seu sangue corre nas veias  
De qualquer um ser humano.

A colonização europeia é também outro tópico abordado pelo poeta, além disso, pode-se também, a partir disto, investigar como seu deu a escravização dos povos no mundo, em todos os contextos.

O europeu na ganância,  
Saiu do seu continente  
Escravizando os povos,  
Se achando inteligente,  
Ignorando que os negros  
Foram a origem da gente  
[...]  
Então se estabeleceram  
Para a futura empreitada,  
Conquistando o litoral  
Com sua forte armada,  
Desbravando matas virgens  
Que ia sendo cortada.

Nessa última estrofe, a qual trata da chegada dos europeus no Brasil, o professor em sala de aula pode trabalhar em conjunto com os conteúdos que discutem o processo de entrada no interior do Brasil através das Missões Jesuítas, Entradas e Bandeiras.

Partindo do universal em direção ao particular, J. Victor chega à questão crucial do folheto, que é o uso da mão de obra escrava para ‘construir’ o recém-continentes ‘descoberto’. O poeta enfatiza acerca da morte de muitos negros durante a travessia em Navios Negreiros:

Precisavam de mão de obra,  
Trazendo então prisioneiros;  
Da África vieram os  
Grandes navios Negreiros  
E nas viagens sofridas  
Poucos chegaram inteiros

O professor imbuído de uma prática pedagógica ampla e dialógica pode lançar mão desses versos para trabalhar em sala de aula todas as questões mencionadas, as quais não se encerram nesses tópicos. Existem tantos outros pontos a ser perscrutados quanto for a abertura que o professor se permita ter, para discutir conteúdos que fazem parte das ementas e que estão nos livros didáticos, de modo, por assim dizer, informal. Nisto consiste a leitura do folheto de cordel, (in)formar a partir de uma perspectiva lúdica e prazerosa, tendo em vista que a recepção por parte dos alunos será de (re)conhecimento a esse ‘outro’ saber.

Cronologicamente, o poeta relata como é a vida dos escravos no Brasil e de como se deu a fuga de muitos deles para a formação de quilombos. Neste caso O Quilombo dos Palmares no atual estado de Alagoas, inicialmente liderado por Ganga Zumba:

Os escravos brasileiros,  
Muitos vindo de Angola,  
Sofriam sérios maus-tratos,  
Desconheciam escola;  
Fugiram para formar  
Uma nação quilombola.

Já no século XVII  
O quilombo dos Palmares  
Tinha organização,  
Ruas, engenhos e lares  
Fundindo religiões  
Que dividiam altares

Quando chegou nos mocambos  
Ganga Zumba unificou  
A força dos povoados  
E líder ele tornou  
Ganhando poder e força  
Que bravamente honrou

Após a morte de Ganga,  
A liderança passou  
Para o sobrinho Zumbi,  
Que logo se destacou

Pelos feitos corajosos  
E táticas que usou.  
[...]

Vê-se, que para a escritura deste folheto o poeta lançou mão de uma investigação histórica a fim de relatar, de modo cronológico, desde a formação da Terra, abrindo-se aí um intervalo de eventos históricos, até desembocar no levante que deu origem ao Quilombo dos Palmares. Dessa forma, seu folheto está prenhe de conteúdos importantes para serem trabalhados no âmbito da sala de aula.

A cada estrofe novos conteúdos são suscitados pelo poeta. O Quilombo dos Palmares é mais conhecido como sendo o Quilombo de Zumbi dos Palmares. Há que se considerar, que Zumbi sustentou o Quilombo, porém ele foi formado por Ganga Zumba, seu tio. Aqui, deve-se abrir um parêntese em busca do entendimento da dinâmica interna do Quilombo, como se davam as relações interpessoais, políticas e etc.

Outra questão a ser suscitada a partir do folheto, é a leitura que se faz da palavra quilombo. Atualmente, a discussão em torno das comunidades quilombolas é muito forte, no sentido da busca de um pertencimento identitário. Essa é outra questão que pode ser levantada pelos professores, ou seja, entender as questões que não estão visíveis no folheto, mas que estão lá e precisam ser refletida e debatida pelos alunos.

No folheto que se segue Luar do Conselheiro, interprete das tradições orais sertanejas, pois sua poesia rememora a ancestralidade oral dos povos sertanejos, quem suas composições, são complementadas com engenho e arte. Assim, ele empreende uma narrativa mítica vinda de outros tempos para falar da resistência e da fé do sertanejo por igualdade e respeito. *O Sebastianismo no Sertão* relata como o Rei Dom Sebastião desapareceu na batalha de Alcácer-Kebir, o povo sem saber de seu paradeiro conclamava seu retorno.

A profecia do retorno,  
Do rei Dom Sebastião  
Virou mito, crença e credo.  
E quase religião  
Ideal nacionalista,  
Transformou-se em comunista  
Quando chegou ao sertão.

O desaparecimento de Dom Sebastião virou lenda, mito. Os sebastianistas chegaram no nordeste pregando a profecia do retorno do Rei para salvar o povo sertanejo dos desmandos de autoridades. Mesmo sendo lenda, é uma narrativa ainda viva, em alguns contextos do sertão nordestino, que constitui o imaginário popular, tornando-se memória viva.

Esse é um folheto que mistura história e mito, mas que está imbricado de questões relativas à formação cultural do sertão. Para além da lenda, o que se verifica é que a narrativa traz elementos de como o sebastianismo foi tão forte nesta região. Isso confere ao folheto espaço pleno para o letramento múltiplo, dado o seu caráter cultural.

Logo os sebastianistas  
 Chegaram ao nosso nordeste  
 Encontraram sofrimento,  
 Fé, fome, e peste.  
 Descobriram nos sertões  
 Povos, populações  
 Esperando quem viesse.  
 De Deus a revolucionário,  
 Jesus Cristo passou  
 O rei Dom Sebastião  
 Tornava-se o redentor,  
 Só faltava o povo agora,  
 Se inflamar de fé e glória  
 E guerrear com o malfeitor.  
 No Nordeste o opressor  
 Sempre esteve no poder,  
 Por isso era difícil,  
 Lutar pra sobreviver,  
 Quem criar comunidade,  
 Com justiça e igualdade,  
 Se prepare pra morrer.

O professor atento a esse folheto, o qual fala sobre narrativas que permeiam o universo ‘sertânico’ estará contribuindo para a preservação desta memória, que é também a memória dos sertanejos que, com suas vozes ajudam aos poetas e (re)laborarem os fatos, posto que estes detém a competência linguística de escritura por meio da experiência e da vivência no seio nordestino.

A poética impressa nos folhetos de cordel ao servir como artefato pedagógico reivindica a performance, momento de encontro entre o leitor (professor) e seus ouvintes (alunos). Dessa maneira, ela engloba, segundo Zumthor (2010) a voz e o corpo do leitor em um mesmo ato. É um corpo que fala a outro corpo. No caso do cordel, sua poesia suscita a leitura em voz alta, com isso cria-se o ato de recepção. Por esse viés, o cordel dar (per)forma(nce) a um novo olhar de se trabalhar poesia em sala de aula ao mesmo tempo que ganha dimensão formativa e educativa.

No contexto escolar, os folhetos de cordéis irão proporcionar à classe aprendente outro olhar para o próprio folheto, tido como literatura menor, marginalizada. Nesse novo olhar, irá brotar a curiosidade de conhecer seu lugar, sua história. Com isso, a memória do cordel também será preservada.

## À GUISA DA CONCLUSÃO

Trazer um pouco do universo dos folhetos de cordel como elemento de construção do conhecimento em sala de aula, por se tratar de um gênero textual que abarca em seu fazer poético o encontro de culturas, é constatar que eles apresentam temas abertos e atuais que estão se renovando constantemente. Os folhetos, por ser um suporte de escrita mais flexível, veiculam saberes atualizados que ao serem trazidos para a sala de aula, podem contribuir para a formação dos educandos, para além do saber verticalizado proposto pelos livros didáticos.

Com uma riqueza de linguagem, a qual abrange expressões ditas populares, bem como usos cristalizados da gramática padrão, a Literatura de Cordel se constitui em um recurso relevante para a promoção do ensino-aprendizagem, pois ultrapassa as fronteiras entre o local e o global. Além disso, o cordel pode ser considerado como um elemento motivador de produção entre os educandos, os quais, se utilizado como fonte de saberes podem inspirá-los a produzir conhecimentos, tendo sua realidade como pano de fundo para a interpretação do lugar social dos quais fazem parte.

Portanto, pensar o cordel como fazer pedagógico é também procurar fixá-lo neste tempo, tempo de incertezas em que a poética das vozes imersas das culturas tradicionais está se derramando na liquidez da modernidade, diante da qual a cultura popular parece ser uma sobrevivente ou uma relíquia. Entretanto, em direção contrária à modernidade assimiladora, evoco O Cordel do Fogo Encantado para entoar *Meu cordel estradeiro*, narrativa contemporânea que traz em seus versos um emaranhado de vozes nordestinas, ‘sertânicas,’ que une em um canto matizes de saberes e representações locais, sustentando a força e a sabedoria deste povo, e com isso dizer que não é tarde para o tempo da poesia:

A bença Manoel Chudu

O meu cordel estradeiro  
 Vem lhe pedir permissão  
 Pra se tornar verdadeiro  
 Pra se tornar mensageiro  
 Da força do teu trovão  
 E as asas da tanajura  
 Fazer voar o sertão  
 [...]  
 Eu também sou cangaceiro  
 E o meu cordel estradeiro  
 É cascavel poderosa  
 É chuva que cai maneira  
 Aguardo a terra quente

Erguendo um véu de poeira  
Deixando a tarde cheirosa

É planta que cobre o chão  
Na primeira trovoadas  
A noite que desce fria  
Depois da tarde molhada

[...]

É canção de lavadeira  
Peixeira de Lampião  
As luzes do vaga-lume  
Alpendre de casarão  
A cuia do velho cego  
Terreiro de amarração  
O ramo da rezadeira  
O banzo de fim de feira  
Janela de caminhão

Vocês que estão no palácio  
Venham ouvir meu pobre pinho  
Não tem o cheiro do vinho  
Das uvas frescas do Lácio  
Mas tem a cor de Inácio  
Da serra da Catingueira  
Um cantador de primeira  
Que nunca foi numa escola

Pois meu verso é feito a foice  
Do cassaco cortar cana  
Sendo de cima pra baixo  
Tanto corta como espana  
Sendo de baixo pra cima  
Voa do cabo e se dana

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patricia Cristina de Aragão. *A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de saberes*. João Pessoa, 2007. 259f.

BRANT, Kênia Faria. *O cordel na superfluidade do mundo contemporâneo*. Belo Horizonte, 2013. 138f.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais. *Orientações para o ensino médio*. Brasília, 2006.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CONSELHEIRO, Luar do. *O sebastianismo no sertão*. In: Versos do Luar. Postado em: 07/03/2011. Disponível em: <<http://versosdoluar.blogspot.com.br/>> - Acesso em 14/05/2014.

DOURADO, Gustavo. *Diversidade cultural e pluralidade no mundo da globalização*. Disponível em: <<http://www.gustavodourado.com.br/cordel/Diversidade%20Cultural%20e%20Pluralidade%20No%20Mundo%20Da%20Globalizacao.htm>>. Acesso em 14/05/2014

FORNET-BETANCOURT, R. *Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas* São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GUINSBURG, Carlos. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEONARDELLI, Poliana Barnabé. *Patativa do Assaré e a imortalidade do canto: oralidade, memória e religião*. Vitória, 2009. 111f.

LUCENA, Bruna Paiva. *Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro*. Brasília, 2010. 88f.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1968.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Cosme Batista dos. *Letramento e comunicação intercultural: o ensino e a formação do alfabetizador no semi-árido baiano*. In: Saberes em Português: o ensino e a formação do professor. Campinas: Pontes, 2008.

STREET, Brian. *Perspectivas interculturais sobre o letramento*, filol. linguist. Port, nº8, p. 451-464, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/download/59767/62876>

VICTTOR, J. *Quilombolas: a revolta dos escravos*. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/popups/cordeldavez/cordeldavez034.htm>>. Acesso em 14/05/2014

VIEIRA, Antonio. O nome dos poetas populares. Disponível em: <<http://rosa-amor-espinhos-saudade.blogspot.com.br/2009/05/o-nome-dos-poetas-populares.html>>. Acesso em 24/05/2014

XAVIER, M. S. C. *Tesouro redescoberto: a riqueza do folheto em verso*. João pessoa: Universitária, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Cia. das letras, 1993

\_\_\_\_\_. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2010